

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

GUSTAVO ELIAS HEIN

**SUCCESSÃO FAMILIAR RURAL: UM ESTUDO DE CASO COM JOVENS
EGRESSOS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO
SUL/RS.**

Cachoeira do Sul

2017

GUSTAVO ELIAS HEIN

**SUCESSÃO FAMILIAR RURAL: UM ESTUDO DE CASO COM JOVENS
EGRESSOS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO
SUL/RS.**

Trabalho de conclusão submetido ao
Curso Bacharelado em
Desenvolvimento Rural - PLAGEDER,
da Faculdade de Ciências Econômicas
da UFRGS, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Reis Calvo
Hernandez
Coorientadora: Carima Atiyel

Cachoeira do Sul

2017

GUSTAVO ELIAS HEIN

**SUCESSÃO FAMILIAR RURAL: UM ESTUDO DE CASO COM JOVENS
EGRESSOS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO
SUL/RS.**

Trabalho de conclusão submetido ao
Curso Bacharelado em
Desenvolvimento Rural - PLAGEDER,
da Faculdade de Ciências Econômicas
da UFRGS, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, ____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Aline Reis Calvo Hernandez

UFRGS

Profa. Dra. Flávia Charão

UFRGS

Prof. Dr. João Dorneles Ramos

UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, por sempre me incentivar, dar apoio e me permitir realizar a sucessão familiar rural dentro da nossa propriedade agrícola com grande sucesso.

Agradecer também a todos que me acompanharam durante a caminhada onde me descobri no meio rural, fato que aconteceu principalmente durante a formação sócio profissional na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC).

Agradecer aos jovens que disponibilizaram seu tempo e permitiram contar um pouco do processo sucessório, de sucesso, diga-se de passagem.

A minha tutora orientadora pela ótima pessoa que é e por todo o apoio que prestou durante o trabalho. E também a professora orientadora que deu suas devidas contribuições.

E por fim à minha namorada que me incentivou, me entendeu e sempre esteve ao meu lado nos momentos em que estava “cheio”.

RESUMO: O presente trabalho visa apresentar a sucessão familiar rural desenvolvida por cinco jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC), como estão organizados, o que estão desenvolvendo, como estão desenvolvendo e também qual foi o papel da EFASC neste processo. Isso porque enquanto autor também desempenho a tarefa de sucessor familiar rural e entende-se que é uma problemática muito séria na agricultura, a falta de jovens sucessores. Para isso, conhecemos *in loco* a realidade de cinco jovens, com um questionário balizando os eixos de discussão, assim como uma caminhada pela propriedade. Identificou-se vários fatores que vieram dar aos jovens oportunidades de realizarem a sucessão, como a diversificação da propriedade, a venda de produtos diretamente ao consumidor final, a aplicação dos conhecimentos adquiridos na EFASC além de toda importância da família neste processo.

Palavras-chave: Agricultura Familiar. Jovem. Sucessão Rural.

ABSTRACT: The present paper aims to present the rural family succession developed by five young people from the Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC), how they are organized, what they are developing, how they are developing and also what role EFASC has played in this process. This is because while author also performed the task of rural family successor and is understood to be a very serious problem in agriculture, the lack of young successors. To do this, we know in loco the reality of the 5 young people, with a questionnaire marking the axes of discussion, as well as a walk through the property. A number of factors have been identified that have given young people opportunities for succession, such as diversification of ownership, sale of products directly to the final consumer, application of the knowledge acquired in EFASC and the importance of the family in this process.

Keywords: Family Farming. Young. Rural Succession.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRAFICOS:

Gráfico 1 – Atividade dos Egressos 2016.

FIGURAS:

Figura 1 – Pilares em que as Escolas Famílias Agrícolas se amparam.

Figura 2 – Cultivo suspenso em estufa.

Figura 3 – Jovens dialogando com consumidores na feira pedagógica.

Figura 4 – Feira do Agricultor Jovem na comunidade de Boa Vista, Santa Cruz do Sul, promovida por jovens egressos da EFASC.

QUADROS:

Quadro 1 – Perfil dos Participantes, Famílias e Localização das UPAs.

Quadro 2 – Propriedades antes e depois da formação dos jovens na EFASC.

IMAGENS:

Imagem 1 e 2 – A Produção de tabaco da lugar principalmente para a produção de alimentos.

Imagem 3 – Área de tabaco orgânico da propriedade da jovem 3.

Imagem 4 – Compostagem realizada na propriedade do jovem 5.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS | 11 |
| 2.1 Processo de Sucessão Rural..... | 11 |
| 2.2 Caracterização da Agricultura Familiar no Vale do Rio Pardo | 13 |
| 2.3 A Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul | 16 |
| 3 OBJETIVO GERAL | 20 |
| 3.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 20 |
| 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 21 |
| 4.1 Campo de estudo | 23 |
| 4.2 Acesso e Proposta de Análise de Dados..... | 25 |
| 5 A SUCESSÃO FAMILIAR RURAL SENDO COLOCADA EM PRÁTICA..... | 26 |
| 5.1 Perfil dos Participantes, Grupos Familiares e Localização das UPAs | 26 |
| 5.2 Caracterização das UPAs: aspectos produtivos e Influências da EFASC nas práticas agrícolas desenvolvidas..... | 30 |
| 5.3 Condições de Trabalho, Vida, Comercialização e Renda | 32 |
| 5.4 Perspectiva de futuro do jovem: fatores de atração e evasão dos jovens do campo e contribuições da EFASC..... | 38 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 42 |
| APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA | 49 |

1 INTRODUÇÃO

A agricultura brasileira passou por várias transformações econômicas e sociais, principalmente quando se iniciou o processo de inovação tecnológica conhecido por modernização da agricultura. Com essa ocorreu aumento de produtividade, diminuição da demanda de mão de obra, produções em maior escala e mecanização da agricultura resultando assim em uma exclusão de oportunidades de produção e renda que o campo proporciona. O êxodo rural, que encheu as cidades de refugiados do campo, foi considerado como resultado inevitável desse processo de modernização (MARTINE; GARCIA, 1987).

As estatísticas revelam o aspecto da evasão populacional no meio rural e, conseqüentemente, a diminuição dos jovens nesse contexto. Em 1960 a população rural compreendia 55,1% do total da população, 46,7% em 1970, 32,45% em 1980, 23,4% em 1991, 21,3% em 1996, 19% em 2001 e 14,89% em 2010 (IBGE, 2010).

Outro dado interessante é apresentado por Pozzebon (2015) relatando que ao lançar um olhar sobre a população existente no meio rural do Rio Grande do Sul, teremos uma população jovem, considerando a idade entre 15 a 29 anos, de 260 mil jovens segundo dados do IBGE (2010). Realizando uma simples conta, vemos tamanha problemática da falta de jovens para sucessão rural, pois no estado temos 378 mil estabelecimentos agropecuários de base familiar, distribuindo uniformemente, um jovem por propriedade, hipoteticamente temos mais de 118 mil estabelecimentos que não possuem jovens para suceder as atividades dos pais, totalizando mais de 30% dos estabelecimentos da Agricultura Familiar (POZZEBON, 2015).

Entre tantos apontamentos apresentados, a presente pesquisa analisa as perspectivas de permanência na atividade agrícola dos jovens através da sucessão rural na agricultura familiar.

Esta é uma problemática no meio rural do Vale do Rio Pardo, onde os jovens não permanecem mais em suas propriedades, o êxodo também foi grande nos últimos anos e ainda o é na atualidade afetando na produção de alimentos, na continuação cultural das comunidades, implicando também em questões sociais negativas para o desenvolvimento rural.

O Vale do Rio Pardo, região onde a pesquisa foi desenvolvida localiza-se ao centro do Estado do Rio Grande do Sul. Com 14.361 km² de área e 418.000 mil

habitantes, conforme o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

A região é formada por 23 municípios, destes, a maioria de base agrícola, com pequenas propriedades, ou seja, até 04 módulos fiscais, que definem a categoria como agricultura familiar indicando assim, uma forte presença de agricultores familiares na região. Santa Cruz do Sul é a cidade pólo do Vale do Rio Pardo, foi emancipada em 1878 do município de Rio Pardo - RS e está localizada a uma distância de 155 km da capital, Porto Alegre.

Tendo em vista este contexto, a pesquisa proposta se direciona a entender os motivos pelos quais os jovens saem ou permanecem nas propriedades rurais, entender as principais problemáticas e os motivos que os incentiva a realizar a sucessão rural familiar.

Esse trabalho de conclusão de curso está estruturado apresentando, além da introdução, os objetivos propostos para o desenvolvimento da pesquisa, após se apresenta uma revisão bibliográfica dos principais operadores conceituais com autores que apresentam dados, conceitos e pensamentos sobre o tema. Sucessivamente se apresentam os procedimentos metodológicos adotados para a realização da investigação, seguidos da análise e discussão dos resultados obtidos e das considerações finais.

Para além da apresentação dos dados coletados sobre juventude rural do Vale do Rio Pardo gostaria de ressaltar que enquanto juventude rural, categoria da qual estou inserido, ainda temos muitos entraves para solucionar. Entre estes, sérios problemas como êxodo rural, o envelhecimento da população do campo, a masculinização deste, a perda sociocultural na produção agropecuária, principalmente de alimentos, já que este é o cenário que se apresenta no meio rural. Ser um jovem sucessor rural implica em resistir à muitas dificuldades de permanência com pouco amparo e incentivo.

Esse trabalho visa contribuir para que a sociedade de um modo geral, uma vez que explora e analisa as perspectivas do jovem sucessor de como permanecer no meio rural, realidade no mais das vezes difícil e penosa porém, em contrapartida, certamente mostrará os bônus que os jovens resistentes usufruem ao optarem pela permanência no meio rural.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS

2.1 Processo de Sucessão Rural

O tema de sucessão rural, escolhido para ser investigado nesse trabalho é um dos mais relevantes e discutidos atualmente no debate sobre Agricultura Familiar. Isso porque a sucessão familiar carrega consigo a grande importância de possibilitar a continuidade da imensa cadeia produtiva da agricultura no país.

Além disso, temos todo o contexto social envolvido, pois se trata de um estilo de vida diferenciado para jovens na atualidade. São tantas as alternativas que aqueles que preferem o meio rural são legítimos guerreiros, visto as tamanhas dificuldades enfrentadas para a permanência.

Segundo Abramovay *et al.* (1998) a formação de novas gerações de agricultores, ou seja, o processo de sucessão familiar rural envolve três elementos: a transferência patrimonial, a continuação da atividade profissional paterna, a retirada das gerações mais velhas da gestão do patrimônio.

Neste sentido a transmissão da terra é passada para próxima geração; o segundo elemento é a passagem da gerência e da capacidade de utilização do patrimônio e o último seria a redução do trabalho e do poder da atual geração sobre os ativos (AMBRAMOVAY, 1998; SACCO DOS ANJOS E CALDAS, 2006).

Convergindo com os autores citados, Leone (1994) coloca que a sucessão é o rito de transferência do poder e de capital entre a atual geração dirigente e a que virá a dirigir e pode ocorrer de duas maneiras gradativas e planejadas ou através de processo inesperado ou repentino de mudança de direção, quando ocorre morte, acidente ou doença afastando o dirigente do cargo.

Quando pensamos em sucessão também levamos em conta a viabilidade econômica do empreendimento, a qualificação necessária ao novo agricultor, as oportunidades e as estratégias de obtenção de rendas complementares às atividades agrícolas, as relações de gênero, a escolha profissional e a valorização da profissão de agricultor, bem como, a apreciação da vida no campo como fatores que interferem na formação de novas gerações de agricultores. (BRUMER, 2004 *apud* SIQUEIRA, 2004).

Para Lobley (2010) *apud* Matte *et al.* (2015), a sucessão intergeracional representa a renovação da propriedade familiar e pode potencialmente funcionar como

um útil corretivo para enfrentar o envelhecimento cada vez mais crescente entre os agricultores e a população rural.

O que os autores supracitados explicitam é um debate muito pertinente, onde os pais permitem que seus filhos e filhas comecem a assumir as atividades, dando seqüência nas atividades que a família já executa há anos, repassando e ensinando como desenvolver uma boa gerência dos negócios. Assim, ao realizar essas atividades gradativamente o filho/herdeiro estará realizando a sucessão familiar rural, dentro de sua propriedade e região.

Buscando compreender, a partir dessa revisão bibliográfica como se apresenta o perfil do jovem sucessor na região identificou-se uma pesquisa realizada em 2005 no Vale do Taquari, conjunto de municípios vizinhos ao Vale do Rio Pardo com estrutura fundiária e agrícola muito semelhante. A pesquisa foi realizada em parceria entre a Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), a Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (FETAG) e com apoio do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Foram entrevistados 784 filhos de agricultores e agricultoras, identificando-se dados muito relevantes no que diz respeito ao processo sucessório na região. A pesquisa mostrou que a questão da sucessão não tem sido tratada adequadamente dentro das famílias, uma vez que 46% dos jovens entrevistados não tem uma definição de como a sucessão acontecerá, dado que chama a atenção devido ao alto percentual.

Outra informação importante apresentada pela pesquisa é que 32,5% dos atuais proprietários dizem não ter certeza se alguém da família vai dar continuidade à atividade agrícola, agravando desta forma o processo sucessório da agricultura familiar.

Ainda baseando-se na referida pesquisa apresenta-se aqui o perfil dos(as) possíveis sucessores(as) da região do Vale do Taquari, sendo desses 65% dos jovens entrevistados homens; no que refere-se à escolaridade 34,7% possuem Ensino Fundamental incompleto, 68,8% não realizaram curso de qualificação e 57,1% dos jovens aptos a suceder a propriedade não estudam atualmente. A pesquisa apresenta também alguns dados sobre os principais motivos da não permanência dos filhos e filhas nas propriedades rurais de seus pais nos municípios investigados, onde 51,6% dos jovens deixaram a área rural em função de trabalho na área urbana; 34% em função de casamento e 11,4% optaram em seguir estudando e migraram para outras regiões.

Embora o perfil dos jovens do Vale do Taquari apresente dados de municípios vizinhos ao Vale do Rio Pardo, salienta-se aqui a necessidade de investigar o contexto

micro. A proximidade dos municípios não é compreendida nesse trabalho como fator determinante para a realização de generalizações e se busca investigar o que vem ocorrendo especificamente em alguns municípios do Vale do Rio Pardo.

2.2 Caracterização da Agricultura Familiar no Vale do Rio Pardo

Para autores como Abramovay (1997) a agricultura familiar se caracteriza e se distingue de outras formas de organizações sociais e de outros setores da economia.

Para o autor:

A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional é perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que esses três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiar) estão presentes em todas elas (ABRAMOVAY, 1997, p. 3).

No aspecto jurídico a definição de agricultor familiar é apresentada pela Lei 11.326 de 24 de julho de 2006 considera:

[...] agricultor familiar àquele que pratica atividades no meio rural em área de até quatro módulos fiscais (que variam de acordo com a região) e utiliza nas atividades econômicas do estabelecimento mão-de-obra predominantemente da própria família. Silvicultores, aqüicultores, extrativistas, pescadores e quilombolas, que se enquadram nesses critérios, também são considerados agricultores familiares (MDA, 2015).

Os agricultores familiares têm sua importância não somente na economia local como também na economia do país. São mais de cinco milhões de agricultores familiares, que possuem a Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (DAP/PRONAF), possibilitando assim acesso às políticas governamentais (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2011).

Para este segmento, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (atual Secretaria Especial da Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário - SEAD) disponibilizou R\$ 28,9 bilhões para investir na safra 2015/2016.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), as atividades da agricultura familiar estão em 84% dos estabelecimentos agropecuários,

respondendo por aproximadamente 33% do valor total da produção do meio rural além de representar aproximadamente 74% da população rural.

No Vale do Rio Pardo como também no RS existe uma produção agrícola e pecuária familiar consolidada com produção de alimentos, tanto para venda direta aos consumidores, quanto destinados à indústria, bem como a produção de bens destinados à exportação. Porém, por outro lado, os sistemas de integração, nos quais os pequenos produzem para os grandes empreendimentos agropecuários (fumo para a indústria tabagista, aves e suínos para os frigoríficos, leite para os grandes laticínios, grãos para as grandes cooperativas, entre outros) têm levado a uma repetição do modelo monocultor. Isso acarreta em uso intensivo de insumos, defensivos químicos e sementes transgênicas na agricultura familiar. A necessidade de adaptar-se ao ritmo dominante e à insuficiência de recursos tem gerado um endividamento grande aos pequenos produtores.

Segundo a *British Broadcasting Corporation* (BBC) (2016), agência de notícias reconhecida mundialmente, agrotóxicos, depressão e dívidas são “bombas relógio” para suicídio no RS, o estado lidera os casos de suicídios no Brasil: 10 a cada 100 mil habitantes. Um relatório da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa gaúcha apontava, em 1996, que 80% dos suicídios da cidade de Venâncio Aires, a maior produtora de tabaco do Estado eram cometidos por agricultores. O mesmo estudo mostrava aumento nos suicídios quando o uso de agrotóxicos era intensificado.

Segundo uma pesquisada BBC, o uso de agrotóxicos, como os organofosforados aumenta as chances de depressão dos agricultores. Em 2014, 20% de cem fumicultores entrevistados sofriam de depressão. O quadro depressivo por exposição aos venenos somado a fatores sociais e culturais pode evoluir para o suicídio (CARGNIN *et al.* 2016)

A questão financeira é o principal gatilho para o estresse entre fumicultores. Eles precisam organizar o dinheiro que recebem apenas uma vez por ano para sustentar a família pelos meses seguintes, já que o tabaco permite fazer apenas uma safra por ano, sendo que se perder esta por qualquer motivo, somente no outro ano para poder plantar novamente (BBC, 2016).

A Revista Amanhã (2016) aponta que a região Sul do país formada pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná concentra 98% do cultivo do tabaco, conforme revela a Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA). A região conta com 154 mil produtores integrados, um universo de aproximadamente 615 mil pessoas

participando do ciclo produtivo no meio rural. Entre as 20 cidades maiores produtoras de tabaco nos três estados acima citados, três estão localizadas em municípios onde a pesquisa deste trabalho foi realizada, sendo estas, Venâncio Aires/RS que aparece em primeiro lugar, com 20.316 toneladas e 4.532 produtores; Santa Cruz do Sul/RS, capital nacional do fumo aparece em quarto lugar com 14.593 toneladas e 3.460 produtores e Vale do Sol/RS se posiciona em décimo lugar e produz 12.722 toneladas anualmente envolvendo 2.705 produtores (REVISTA AMANHÃ, 2016).

Neste contexto em que estão inseridas as propriedades da Região do Vale do Rio Pardo salienta-se a presença da monocultura do tabaco. É importante destacar que este vem sendo alvo de políticas de substituição e diversificação de culturas no Rio Grande do Sul em função da tendência de queda do consumo mundial e pelo aumento das restrições aplicadas nos principais países consumidores.

A exemplo disso tem a Convenção-Quadro da OMS para Controle do Tabaco (CQCT/OMS), primeiro tratado internacional de saúde pública da história da Organização Mundial da Saúde. Representa um instrumento de resposta dos 192 países membros da Assembleia Mundial da Saúde à crescente epidemia do tabagismo em todo mundo. Tem como objetivo "proteger as gerações presentes e futuras das devastadoras consequências sanitárias, sociais, ambientais e econômicas geradas pelo consumo e pela exposição à fumaça do tabaco" (artigo 3º Instituto Nacional do Cancer - INCA, 2017).

De acordo com Vargas e Oliveira:

[...] a região do Vale do Rio Pardo representa um importante elo na indústria fumageira do Brasil, [...]. A maioria dos 25 municípios que integram essa região é substancialmente dependente das atividades associadas à cultura do fumo e à indústria fumageira. Mas, ainda que esta dependência econômica tenha criado barreiras consideráveis à substituição do fumo por culturas alternativas, a região também apresenta iniciativas importantes voltadas ao aprimoramento da produção agroecológica. (VARGAS; OLIVEIRA, 2012)

Ao analisarmos as questões vinculadas às políticas públicas é importante ressaltar o avanço da disponibilidade e o acesso ao crédito agrícola. Com o Plano Safra 2017/2018 ocorreu a disponibilização de R\$ 30 bilhões em crédito para o setor e os juros do PRONAF permanecem baixos, comparados com as outras linhas de crédito, variando entre 2,5% e 5,5% ao ano (MDA/SEAD, 2017).

2.3 A Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul

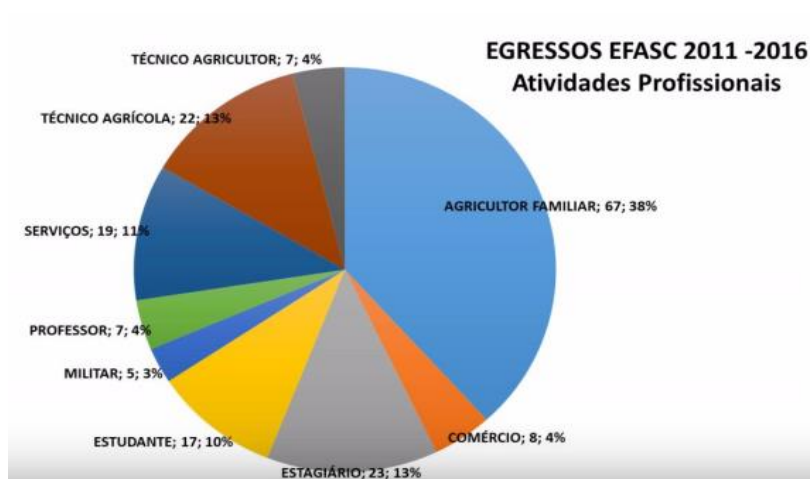
Dar condições para a sucessão familiar rural à juventude diante do cenário que se apresenta não é tarefa fácil para órgãos governamentais, instituições e até mesmo para a família.

Na região do Vale do Rio Pardo encontram-se iniciativas que dão grande suporte para que a juventude rural conheça o meio em que vive, adquira conhecimentos para suceder aos negócios da família e realizem a sucessão familiar rural dentro de suas propriedades, sendo que essas iniciativas se embasam num modelo diferenciado de Educação do Campo.

No ano de 2009 ocorreu a inauguração da primeira Escola Família Agrícola do Sul do país, a EFA de Santa Cruz do Sul/RS (EFASC), uma das principais motivadoras à minha permanência na agricultura, realizando a sucessão dentro da propriedade de minha família. A mesma surgiu através da mobilização de lideranças e também da cooperativa de crédito SICREDI/VRP, cooperativa esta que tem muitos agricultores como seus sócios ativos e que motivou o financiamento inicial necessário para a abertura da EFASC.

A EFASC promove a formação integral dos filhos e filhas de agricultores familiares contribuindo à formação de cidadãos capazes de desenvolver uma visão, não só técnica das questões inerentes ao campo, mas também política e social sendo capaz de exercer liderança e induzir processos de desenvolvimento do campo, podendo também empreender atividades que possibilitem a diversificação das propriedades, bem como, a geração de renda para a permanência no campo com qualidade de vida (COSTA, 2012; VERGUTZ, 2013 *apud* POZZEBON, 2015).

Em 2017, a EFASC completou oito anos de existência contemplando a formação profissional de 175 jovens egressos, onde aproximadamente 1/5 são mulheres. Segundo Relatório de Atividades da Associação Gaúcha Pró Escolas Famílias Agrícolas (AGEFA/RS, 2016), 65% dos egressos estão diretamente envolvidos com a agricultura familiar como mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 1: Atividades dos Egressos 2016

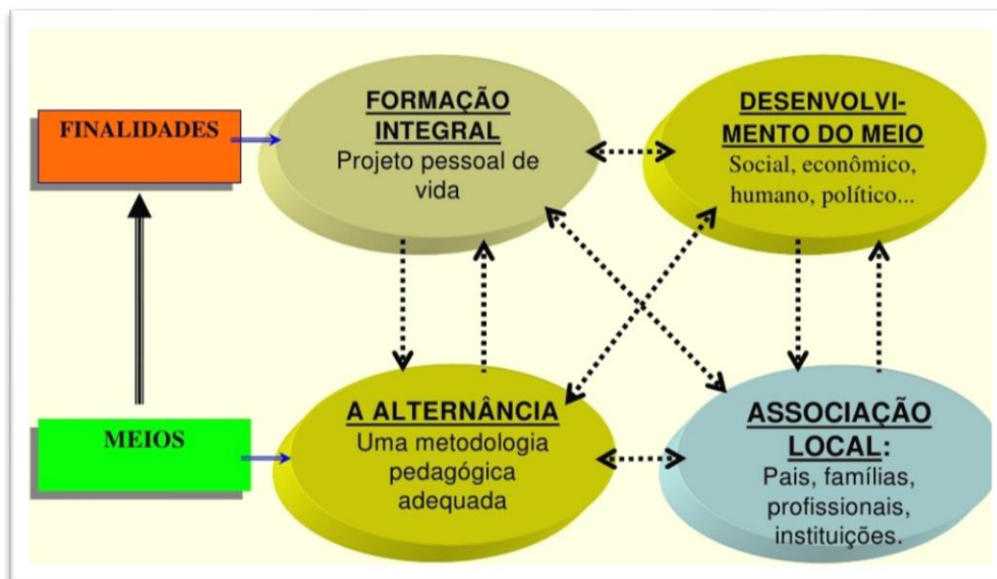
Fonte: Relatório de Atividades EFASC 2016 adaptado pelo autor.

Percebe-se que na atualidade, a maior parte dos egressos se encontra relacionado às atividades pertinentes à agricultura e parte significativa do percentual analisado está estagiando ou já desenvolvendo as atividades profissionais de sua formação técnica advindas da EFASC.

Atualmente são 120 estudantes em processo de formação integral, 96 jovens no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio e Técnico em Agricultura e mais 24 jovens realizando o Estágio Curricular Obrigatório. São mais de 2.000 horas de formação para jovens abrangendo 11 municípios do Vale do Rio Pardo e cerca de 100 comunidades rurais.

Para obtenção destes resultados a EFASC se ampara em quatro pilares: Associação Local (constituída por pais, famílias, profissionais, instituições); Pedagogia da Alternância (metodologia e instrumentos pedagógicos); Formação Integral (como projeto pessoal de vida); Desenvolvimento do Meio (desenvolvimento social, econômico, humano, político). Confira na figura abaixo onde encontramos os pilares, seus meios e finalidades.

FIGURA 1: Pilares em que as Escolas Família Agrícolas se amparam



Fonte: García-Marirrodriaga e Puig-Calvó (2010, p.66).

A Pedagogia da Alternância é a responsável por tornar a educação tão agradável dentro das EFAs, é um modelo de metodologia diferenciado que se resume em um processo educativo fundamentado em princípios existentes a mais de 80 anos no mundo e há quase 50 anos no Brasil. Neste modelo o jovem alterna uma semana no meio sócio familiar (propriedade rural) e outra no meio sócio escolar (EFA), possibilitando trazer as peculiaridades da família e propriedade para dentro da escola servindo como base à construção de novos saberes envolvendo familiares e comunidade.

Um dos trabalhos que traz muito subsídio para esta revisão bibliográfica e que ajuda a entender as realidades da juventude rural é a dissertação de mestrado de Pozzebon (2015), atualmente secretário executivo da Associação Gaúcha Pró Escolas Família Agrícolas (AGEFA) e monitor da EFASC. O autor retrata, amparado pelo trabalho de Matte *et al.* (2015) aspectos que levam os jovens a tomar a decisão de ficar ou sair das propriedades rurais.

Dentre estas dificuldades o autor apresenta a de obter acesso a terra, a baixa geração de renda ou a falta de diversidade da produção, ainda aliado a isso, o fato de obtenção de poucas chances de renda própria, a ausência ou falta de incentivo dos familiares para os filhos permanecerem na agricultura familiar traduzido pela falta de diálogo, pelo não reconhecimento do jovem como sujeito que pode participar das decisões e/ou chance de desenvolver alguma atividade independente. Ainda há a penosidade do trabalho com incertezas climáticas e dependência de fatores externos de

mercado. E como atrativos da cidade, a renda fixa, carga horária fixa, aparente facilidade de vida, acesso às tecnologias, comunicação e lazer (POZZEBON, 2015).

Para trabalhar os fatores acima citados, um dos instrumentos pedagógicos que a EFASC possui é o Projeto Profissional do Jovem (PPJ) como trabalho de conclusão de curso necessário para que os jovens sejam aprovados. É um projeto em que o jovem após ter passado dois anos conhecendo a agricultura, sua propriedade, a comunidade, a cultura local, entre tantos outros fatores, escolhe alguma atividade para pensar, diagnosticar e implantar em seus meios/propriedades. São projetos para diversificação de renda, diminuir custos de produção, beneficiamento de produtos, comercialização, entre tantos outros já realizados.

Ainda segundo o autor supracitado há também a dificuldade de construção de uma nova família, devido a migração de mulheres do meio rural para o meio urbano e, conseqüentemente, a masculinização do campo. Aliado a todas essas problemáticas ainda temos a educação formal encontrada na maioria das escolas, servindo de trampolim para conseguir o emprego na cidade promovendo o êxodo rural, pois mesmo aquelas que estão no interior tem uma educação totalmente descontextualizada da dinâmica de vida do meio rural. Nesse sentido não basta assegurar na legislação nacional uma educação do campo, mas será necessário investir nessa proposta educacional e pedagógica diferenciada e contextualizada às populações rurais.

É importante levar em consideração que não é um elemento que influencia a permanência ou não do jovem na agricultura, promovendo a sucessão, mas sim um conjunto desses e a EFASC procura entender esse conjunto de elementos e trabalhá-los dentro da realidade de cada jovem.

Na próxima seção serão apresentados os objetivos que o presente trabalho buscou investigar.

3 OBJETIVO GERAL

Realizar um estudo com jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS para identificar os possíveis casos de Sucessão Rural Familiar e diagnosticar qual o papel da EFASC perante a permanência dos jovens no meio rural.

3.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer cinco casos de jovens egressos da EFASC que estão em processo de sucessão familiar nas propriedades rurais;
- Entender as condições que possibilitam aos jovens realizar a sucessão familiar;
- Compreender qual o papel da Escola Família Agrícola no processo sucessório do jovem rural.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada à realização dessa pesquisa possui uma abordagem qualitativa e diferenciada de pesquisa, onde se teve o intuito de ser inclusiva, não abrindo mão do rigor científico para sua validade, mas utilizando o “saber situado” dos(as) pesquisados(as) para sua elaboração. Assim, conseguimos mostrar as entranhas do processo de sucessão rural, uma vez que o pesquisador também é personagem desta realidade e apropriou-se dos exemplos de sucessão neste estudo de caso para melhor compreensão.

Segundo Fino (2003) baseado em outros autores, não existe uma definição estabelecida para estudo de caso, porém alguns destes sugerem uma síntese segundo a qual o estudo de caso examina um fenômeno em seu cenário natural empregando métodos diversificados de recolha de dados para obter informação sobre uma, ou poucas, entidades (pessoas, grupos, ou organizações) (FINO, 2003).

A técnica metodológica que permitiu explorar e compreender a realidade das propriedades rurais escolhidas para o estudo na qual os jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul estão em processo de uma possível sucessão rural familiar foi a observação participante.

Segundo Serva e Junior (1995), a observação participante é uma situação de pesquisa onde o observador e os observados encontram-se numa relação face a face, onde o processo da coleta de dados se dá no próprio ambiente de vida dos observados, que passam a ser vistos como participantes da pesquisa e sujeitos que interagem com o projeto de estudos (SERVA; JAIME JUNIOR, 1995).

Fernandes também nos exemplifica o funcionamento da técnica de observação participante:

Trata-se de uma técnica de levantamento de informações que pressupõe convívio, compartilhamento de uma base comum de comunicação e intercâmbio de experiências com o(s) outro(s) primordialmente através dos sentidos humanos: olhar, falar, sentir, vivenciar, entre o pesquisador, os sujeitos observados e o contexto dinâmico de relações no qual os sujeitos vivem e que é por todos construído e reconstruído a cada momento (FERNANDES, 2015, p.490).

A opção pela pesquisa baseada na relação proximal entre pesquisador/sujeito/objeto se deve ao fato de estar, como pesquisador, inserido nessa situação social de também sucessor rural dentro da propriedade da família e ter como

grande responsável a participação na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul. Essa relação serve para que possamos utilizar a observação-participante como instrumento de pesquisa. “A relação tradicional de sujeito-objeto, entre investigador-educador e os grupos populares, deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo sujeito-sujeito, a partir do suposto de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber”. (BRANDÃO; BORGES, 2007, p.54).

Com isso, sabemos que a pesquisa não mostrará somente uma ideia limitada do pesquisado, mas será um levantamento com uma construção coletiva dos dados, através do diálogo, da observação, da participação da realidade vivenciada nas propriedades rurais escolhidas.

Quanto às etapas da pesquisa, inicialmente realizou-se uma revisão bibliográfica para compreensão dos principais conceitos e trabalhos acadêmicos já realizados sobre a temática proposta. Posteriormente ocorreram as saídas a campo e foram visitadas quatro propriedades rurais nos municípios de Venâncio Aires, Vale do Sol, Santa Cruz do Sul e General Câmara, todas agendadas com antecedência e conforme indicação da atual direção da EFASC que indicou casos em que a sucessão vem ocorrendo.

Ao chegar a cada propriedade para a realização da entrevista utilizou-se um instrumento de coleta de dados (Apêndice A) com questões norteadoras e priorizou-se iniciar a entrevista com os jovens. Como se identificou que nenhum jovem se opôs a conceder entrevista perante a família não houve necessidade em realizar entrevistas em separado com os familiares.

Após a entrevista realizou-se uma caminhada pela propriedade onde foi possível fazer uma observação da paisagem, tendo a leitura das áreas destinadas para as produções dos jovens, foi possível conhecer os tipos de manejo utilizados, as culturas, a organização das tarefas etc.

Seguindo os aspectos éticos em pesquisa foi entregue e assinado por cada participante um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) onde constam os objetivos e finalidades da pesquisa, o contato do pesquisador, os requisitos éticos a serem seguidos e os direitos do participante caso resolva retirar sua contribuição antes da entrega ou publicação do trabalho.

Registrou-se no TCLE que os dados obtidos através dos registros e visitas seriam disponibilizados pelo pesquisador expor em seu trabalho de conclusão de curso. Mas, para não expor os participantes, na descrição das entrevistas nomeou-se os

participantes como jovem 1, jovem 2, jovem 3 e assim por diante, bem como pai e mãe 1, pai e mãe 2 e assim sucessivamente.

4.1 Campo de estudo

O campo de estudo foi composto por quatro propriedades espalhadas pela região de abrangência da EFASC, no Vale do Rio Pardo devido ao escasso tempo para a realização da pesquisa. Em um futuro próximo existe a pretensão de analisar casos que contemplem jovens de cada um dos municípios que compõem o Vale do Rio Pardo para a análise comparativa das distintas situações.

Os quatro municípios abrangidos com a pesquisa foram: Venâncio Aires, Santa Cruz do Sul, General Câmara e Vale do Sol, sendo que 02 jovens entrevistados moram no mesmo município.

Venâncio Aires encontra-se às margens da rodovia RSC-287 e RSC-453 e distante 130 quilômetros da capital estadual, Porto Alegre. Possui área de 772,228 km² e segundo o IBGE (2017) a população estimada em 2016 é de 70.179 habitantes. Na agricultura familiar, segundo a Prefeitura Municipal são cerca de 8 mil famílias envolvidas respondendo diretamente por 17,42% (SEFAZ, 2012) de retorno de imposto sobre circulação de mercadorias e serviços (ICMS). O tabaco ainda é o grande carro chefe, mas muitas propriedades estão diversificando para ter outras fontes de renda (PREFEITURA MUNICIPAL DE VENÂNCIO AIRES, 2016).

Santa Cruz do Sul fica distante 150 km de Porto Alegre, os principais acessos são pela RSC 287 e BR 471. Possui uma área total de 794,49 km², sendo 156,96 km² de área urbana e 637,53 km² de área rural. Segundo a Prefeitura Municipal é a quinta economia do estado e uma das dez maiores cidades do RS. Segundo o IBGE (2017) tem população estimada de 127.429 pessoas. É um polo mundial da indústria fumageira e o município tem no tabaco sua principal fonte de receita, emprego e renda. Segundo dados da Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA) referentes ao Diagnóstico Socioeconômico das Propriedades Fumicultoras (2014/2015), atualmente são 2,6 mil proprietários e 3,4 mil famílias envolvidas com essa cultura em propriedades com um tamanho médio de 12,7 hectares (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DO SUL, 2017).

General Câmara é outro município do Rio Grande do Sul. A cidade fica a 76 km de Porto Alegre e segundo o IBGE (2017) tinha população estimada de 8.668 em 2016 distribuída em um território de 494,025 km² e tem acesso pela RS-244. A área rural de General Câmara é grande e possui fazendeiros com grandes propriedades quando comparadas aos demais municípios da região, são áreas maiores de 100 hectares, enquanto na região uma média geral fica de 10 a 30 hectares e, em geral são produtores de grãos e gado de corte no sistema extensivo.

Vale do Sol por sua vez é um município pequeno com área de 328,227 km², segundo o IBGE (2017) e tinha população estimada em 2015 de 11.650 habitantes. Tem um total de 1.822 propriedades agrícolas com área média de 12,98 hectares. Fica distante 184 km da capital Porto Alegre com acesso pela BR-153.

De forma geral, todos os municípios são de base agrícola familiar, pequenas propriedades com até quatro módulos fiscais que caracterizam o agricultor familiar. Inseridas em uma região em que existe uma produção muito forte de tabaco, mas que também apresenta o cultivo de grãos, criações de gado, aves e suínos, além da produção de alimentos e beneficiamento destes.

A escolha dos participantes da pesquisa foi feita em conjunto com o Coordenador Institucional e Professores da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul. Procurou-se escolher de forma intencional propriedades em que os jovens estão ativos, ou seja, trabalhando e realizando o processo de sucessão. Foram escolhidas duas propriedades com o a presença do gênero feminino em processo de sucessão, além de buscar jovens de municípios distintos e de abrangência da EFASC, como também de diferentes turmas formadas pela escola lembrando que todos são egressos.

O processo de levantamento de dados realizou-se por meio de convivência nas propriedades com observação participante. No período da pesquisa de campo realizaram-se as visitas para o acompanhamento das atividades *in loco* em cada Unidade de Produção Agrícola (UPA), assim por meio de diálogo, observação e formulário de entrevista as questões pertinentes à percepção dos jovens que realizam a sucessão nas propriedades foram levantadas.

4.2 Acesso e Proposta de Análise de Dados

Para acesso aos dados foram realizadas visitas de campo acompanhando a rotina familiar na propriedade durante um dia. A partir disso foram feitas entrevistas com as famílias para levantamento de dados, bem como uma caminhada pela propriedade. Segundo Elma Dias *et al.* (2006) essa metodologia participativa é uma técnica que consiste em percorrer um determinado trecho da propriedade onde, junto com os participantes da pesquisa busca-se identificar e discutir as diversas percepções das características da UPA, como o agroecossistema, as formas de ocupação da terra e o modo de vida da família. Além de levantar dados a proposta metodológica estimula as pessoas a adotar uma postura investigativa pela reflexão, diálogo e criatividade (RUAS *et al.* 2006).

Além disso, foi elaborado um instrumento de pesquisa (Apêndice I) para coleta de dados durante a entrevista envolvendo questões ligadas à família, terra, benfeitorias, cultivos, distribuição de serviços, projeções futuras, entre outros, que objetivou compreender a organização das propriedades e como os jovens se inserem nestas.

A análise dos dados se deu a partir da análise pormenorizada de todo o conjunto de informações oriundas da pesquisa de campo. Os dados foram agrupados em categorias analíticas, discutidos e problematizados, a saber: 1º) Perfil dos participantes e do grupo familiar; 2º) Caracterização das Unidades de Produção Agrícola, aspectos produtivos e influência da EFASC nas práticas agrícolas desenvolvidas; 3º) Condições de Trabalho, Vida, Comercialização e Renda; 4º) Perspectiva de futuro do jovem, fatores de atração e evasão dos jovens do campo e contribuições da EFASC.

5 A SUCESSÃO FAMILIAR RURAL SENDO COLOCADA EM PRÁTICA

Aqui serão apresentados, analisados e discutidos os dados da pesquisa realizada com os jovens egressos da EFASC. Os participantes estão em processo de realização da sucessão nas suas propriedades e trazem dados muito interessantes que serão analisados a seguir.

Essa análise é muito importante, pois irá instigar e “responder” aos nossos objetivos da pesquisa, onde se pretendia entender as condições que possibilitam aos jovens a sucessão familiar e também o papel formativo da EFASC no processo sucessório.

Assim, esse capítulo de análise e discussão dos dados foi estruturado a partir de quatro categorias de análise, conforme os eixos que guiaram a entrevista: 1. Perfil dos participantes, família e localização; 2. Caracterização das UPAs; 3. Condições de vida, trabalho, comercialização e renda; 4. Perspectiva futura de sucessão do jovem.

5.1 Perfil dos Participantes, Grupos Familiares e Localização das UPAs

Essa seção apresenta os perfis dos participantes da pesquisa, dos grupos familiares e a localização/caracterização das Unidades de Produção Agrícola dos entrevistados. Para melhor visualizar os dados, elaboramos um quadro descritivo onde essas informações podem ser relacionadas.

Quadro 1. Perfil dos Participantes, Famílias e Localização das UPAs.

| Perfil dos Participantes | Grupo Familiar | Localização da UPA |
|--|---|---|
| Jovem 1: Mulher, 21 anos, técnica agrícola, formada na 2ª turma da EFASC em 2012. Reside na localidade de Linha Boqueirão no município de General Câmara/RS. Atualmente está realizando estágio de conclusão do curso superior em Tecnologia da Horticultura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). | Reside na propriedade junto com os pais e irmã. A irmã é estudante da EFASC e sua mãe é presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de General Câmara. | A propriedade é localizada aproximadamente 20 km da cidade de General Câmara. Com pouca estrada asfaltada os acessos de terra até que apresentam boas condições, o solo é mais arenoso e conserva melhor as estradas. |
| Jovem 2: Homem, 22 anos, reside junto com a jovem 1, pois são egressos da EFASC que | | |

| | | |
|--|---|---|
| namorados que moram juntos. Formou-se na 1ª turma da EFASC em 2011. Está na fase de estágio para terminar o curso superior em Tecnologia da Horticultura pela UERGS/SCS. É presidente da Associação Local da EFASC. | | |
| Jovem 3: Mulher de 18 anos e técnica agrícola na 5ª turma da EFASC em 2015. Atualmente não está estudando, porém pretende continuar a formação. | Reside na propriedade com seus pais e sua irmã mais nova. | Localiza-se na região serrana de Venâncio Aires, RS, Linha Andreas. A propriedade fica aproximadamente a 30km da cidade pela RS-422. Faz divisa com o Arroio Sampaio que é divisa de Venâncio com Sério/RS. Localidade de difícil acesso, com estradas em más condições de manutenção. |
| Jovem 4: Homem, 20 anos, reside na localidade de Linha Santa Cruz – Santa Cruz do Sul/RS. Técnico agrícola, formado na 4ª turma da EFASC em 2014. Está cursando Gestão da Propriedade, desenvolvido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). | Reside na propriedade com seus pais. | Localiza-se bem perto da área urbana de Linha Santa Cruz, distrito de Santa Cruz do Sul. Até o centro da cidade são aproximadamente 15 km. Com acesso muito fácil são 3 km de estrada de chão, o restante é asfalto. Infraestrutura muito boa, energia elétrica de qualidade, a água que depende do poço de um vizinho. |
| Jovem 5: Homem, 21 anos, Técnico agrícola na 3ª turma da EFASC em 2013. Reside na localidade de Faxinal de Dentro em Vale do Sol/RS. Atualmente não está estudando. | Reside na propriedade junto com seus pais, irmão que também é estudante da Escola Família Agrícola do município de Vale do Sol/RS, juntamente com seu avô e sua namorada. | A propriedade fica distante 2 km da RSC-287, próximo a cidade Vale do Sol. A propriedade tem fácil acesso com asfalto na frente de casa, o que facilita também o escoamento da produção. Infraestrutura boa sendo que o município incentiva agricultura familiar. |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

No quadro acima já começamos a observar alguns traços que a sucessão familiar rural nos traz, uma delas a questão de todos os jovens residirem junto com os pais, morando na mesma propriedade e inclusive na mesma casa. Como ainda é recente a formação no curso técnico e muitos estão se estruturando continuam morando com os pais até conseguirem sua casa própria, mas os jovens comentam que é um processo bom para a família. A experiência de morar na mesma casa proporciona momentos

importantes, um exemplo disso são as refeições em conjunto ou momentos de roda de chimarrão, onde sempre são abordados assuntos referentes à propriedade e organização da mesma.

Os jovens 1 e 2 estão na mesma propriedade porque são namorados e tiveram uma história interessante vivida em conjunto no que tange à sucessão até agora. Depois que a jovem 1 concluiu os estudos na EFASC e realizou seu estágio curricular foi morar acompanhada do jovem 2 no interior de Venâncio Aires, Linha Santana, pois, segundo relata a jovem 1 na sua UPA a produção era pautada no cultivo do tabaco e a jovem inclinava-se para produzir hortaliças.

A jovem encontrou abertura para dar vazão a sua vontade de iniciar um projeto de produção de hortaliças na propriedade de seu namorado, entrevistado denominado aqui como jovem 2.

Então, por dois anos, em uma propriedade pequena de aproximadamente 4,5 hectares agricultáveis, o jovem casal teve a concessão, por parte dos pais do jovem 2 de um espaço de 0,5 hectares destinados para a produção em sistema orgânico de hortaliças que eram comercializados em uma feira orgânica de Venâncio Aires.

Como a família do jovem 2 já produzia suínos e bovinocultura de leite no sistema integrado a propriedade estava estagnada em áreas, faltavam espaços para ampliar as produções e se aumentassem uma atividade teriam que diminuir outra. Neste ponto já se observa um dos primeiros impasses para a implementação dos planos da jovem, devido ao pequeno tamanho da propriedade e resistência dos pais do jovem 2 não era possível projetar planos para ampliação do projeto de cultivo de hortaliças.

Aliado a isso, alguns fatores como a falta de rotação de cultivos das hortaliças originaram doenças na produção que prejudicaram os jovens que ali tentavam o processo de sucessão, sendo este um entrave que não seria resolvido em um curto espaço de tempo.

Tentaram comprar um pedaço de terra próximo à propriedade dos pais, para não perder a proximidade, mas não encontraram uma propriedade adequada e com valor acessível. Para agravar a situação também tinha a irmã do jovem 2 que estava voltando para a propriedade após a formação na EFASC. Seria mais um irmão na “disputa” de espaço dentro da propriedade.

Sendo assim, em meados de 2016, com a oferta dos pais da jovem 1 para assumirem as atividades na propriedade rural os dois foram para o município de General Câmara, onde encontraram disponibilidade de terra, maquinários e também uma relação

de parceria com a família, era outra tentativa de realizar a sucessão familiar rural que vem dando certo.

No caso dos jovens 1 e 2 foi possível a migração de uma propriedade onde não tinha mais espaço para desenvolverem suas atividades, para uma propriedade que tinha espaço, inclusive com atividades já implantadas para trabalharem e obterem sua renda. Porém imaginamos se não tivesse essa disponibilidade, o que fariam os jovens 1 e 2? Conseguiriam comprar seu pedaço de terra para produzir? Este é outro fator que impulsiona muitos jovens a sair do interior.

Segundo Zago (2013), nas últimas décadas o movimento migratório do campo para a cidade é representado por uma população mais jovem do que no passado, em especial do gênero feminino, além disso, essa migração tem proporções importantes nas regiões de predomínio da agricultura familiar, do sul do país (ZAGO, 2013).

Os demais jovens ainda estão nas propriedades de onde são oriundos, o jovem 4 juntamente com sua família, já adquiriu uma área vizinha a sua propriedade, pois a mesma estava ficando pequena para suportar a família e a ampliação dos cultivos. Os jovens 3 e 5 tem grande disponibilidade de terra para suas atividades, este fator contribui para sua permanência.

Outra questão importante identificada com a realização da pesquisa é a localização das propriedades dos jovens participantes, dos quatro municípios abrangidos, Venâncio Aires, Santa Cruz do Sul, Vale do Sol e General Câmara, duas localizadas bem próximas à cidade, com menos de 5 km de distância, outras duas bem distantes das sedes dos municípios e de difícil acesso, caso de Venâncio Aires e General Câmara.

São questões que segundo os jovens também interferem nos momentos de lazer onde o deslocamento precisa ser maior, mas principalmente no desenvolvimento de algumas atividades, como por exemplo, fazer feiras na cidade. Para os jovens 1, 2 e 3, que residem mais longe, precisa-se destinar uma parte do orçamento somente para o custo do deslocamento e manutenção dos veículos de transporte, que atualmente tem seu custo alto. Os jovens 4 e 5 já residem mais perto de áreas urbanas, o jovem 5 tem asfalto na frente da casa, o jovem 4 tem a propriedade à 3km, aproximadamente, do asfalto.

5.2 Caracterização das UPAs: aspectos produtivos e Influências da EFASC nas práticas agrícolas desenvolvidas

Nessa seção do trabalho se buscou caracterizar as propriedades, os cultivos, as mudanças realizadas nas propriedades propiciadas com a formação na EFASC, entre outros dados expostos no quadro a seguir:

QUADRO 2 – Propriedades antes e depois da formação dos jovens na EFASC

| Propriedade | Atividades Produtivas antes da EFASC | Atividades Produtivas depois da EFASC | Área da UPA da família | Renda Externa |
|--------------------|---|--|-----------------------------|--|
| Participante 1 e 2 | Tabaco Convencional | Diminuição do tabaco e diversificação com tambo de leite e hortaliças para vendas diretas | 28,5 próprios e 8 arrendado | Mãe da jovem 1 recebe salário como dirigente sindical. |
| Participante 3 | Tabaco Convencional | Tabaco Orgânico, hortaliças, frutíferas | 20 hectares próprios | Filmagens de eventos e coral de canto |
| Participante 4 | Tabaco Convencional, cultivos para subsistência, gado de corte e produção de hortaliças | Continuação com o cultivo de tabaco e ampliação da produção de hortaliças para venda em feira da cidade de SCS | 8 próprios 3 arrendado | Todas da UPA |
| Participante 5 | Tabaco Convencional | Diminuição da produção de tabaco e diversificação com tambo de leite, brócolis, morangos produzidos em estufa, entre outros cultivos para subsistência | 15 próprios 20 arrendado | Todas oriundas da UPA |

Fonte: Autor, 2017.

No quadro acima se pode notar as mudanças nas atividades realizadas nas propriedades antes e depois do ingresso dos jovens na EFASC. Isso se deu porque, logo nos anos iniciais os jovens em processo de formação já começaram a fazer um resgate histórico e trazer conhecimento para dentro das propriedades, se engajando nas atividades mudando não só sua visão e perspectiva da propriedade, como também a visão da família pelo interesse demonstrado pelos filhos. Com tudo isso, os jovens relataram que, aos poucos foram mudando as matrizes produtivas, como se pode acompanhar nos dados evidenciados.

Como constatação podemos inferir que todas as propriedades citadas tinham como fonte de renda principal o tabaco e isso também sofreu alterações, um fato importante, pois nota-se que todos os participantes acrescentaram à sua fonte de renda a produções de alimentos. Esse é um fator muito interessante pensar na sucessão com um processo de transição de atividades tendo como foco a produção de alimentos.

Segundo Vargas e Oliveira (2012), no Vale do Rio Pardo essa diversificação é viável:

[...] estratégias de diversificação da cultura do fumo na região do Vale do Rio Pardo baseados em estimativas das receitas de pequenos agricultores engajados em atividades de produção agroecológica demonstraram que tais atividades proporcionam alternativas viáveis ao cultivo do tabaco para os pequenos agricultores da região, em termos de rentabilidade, comercialização e financiamento da produção (VARGAS, 2012, p. 188).

Imagens 1 e 2: A produção de tabaco dá lugar principalmente para a produção de alimentos.



Legenda: Produção do jovem 4 (esquerda). Produção do jovem 3 (direita).

Fonte: Autor, 2017.

Percebeu-se que os jovens sucessores têm grande responsabilidade sobre esse fenômeno observado de diversificação do cultivo de tabaco nas propriedades visitadas. Todos os entrevistados afirmaram que esse fato é oriundo de suas participações nas tomadas de decisões das propriedades, onde as relações de poder e diálogo melhoraram muito com o passar do tempo pós-ingresso na EFASC.

Com o envolvimento dos jovens nas propriedades e a aplicação dos Projetos Profissionais dos Jovens (PPJ), os familiares começaram a valorizar e abrir espaço para os sucessores, assim, atualmente, todos eles ou desenvolvem uma atividade por conta

própria ou então auxiliam os familiares nas atividades gerando assim suas próprias rendas ou então participando da distribuição da renda da família.

Matte e Machado (2016) nos retratam a importância disto, pois quando o diálogo não existe e os jovens não participam das tomadas de decisão, muitas vezes se observam problemas como as dificuldades na realização das atividades produtivas e o baixo retorno financeiro, os quais representam dois importantes fatores que influenciam a decisão do filho de abandonar o campo (MATTE e MACHADO, 2016).

5.3 Condições de Trabalho, Vida, Comercialização e Renda

Todos os(as) jovens pesquisados implantaram os seus Projetos Profissionais do Jovem, porém não conseguiram dar continuidade devido à demanda de mão-de-obra que existia nas propriedades, já que existiam outros cultivos que tinham maior importância naquele determinado momento. Mas contam que foi de suma importância, pois o projeto não engloba somente a atividade, mas todo contexto da propriedade, organização, conhecimento de comercialização, entre outros fatores, que acabaram ajudando nas atividades desenvolvidas atualmente.

Das propriedades visitadas, a do jovem 3 voltou sua produção para o nicho orgânico. O que por um lado trouxe mais trabalho braçal, tendo em vista que a produção orgânica requer mais cuidados nos tratamentos culturais como a capina, o uso de adubos orgânicos impedindo o uso de alguns maquinários inclusive. Por outro lado há um incremento na renda da família, tendo em vista que o fumo orgânico é comercializado com preço mais elevado e, aliado a isso há a questão de qualidade de vida que melhora muito sem o uso de agroquímicos.

Segundo o que indica o Decreto Nº 6.323 de 2007 que dispõe sobre a agricultura orgânica, essa atividade ao se apresentar como um sistema produtivo, objetiva “a auto sustentação da propriedade agrícola no tempo e no espaço, a maximização dos benefícios sociais para o agricultor, a minimização da dependência de energias não renováveis na produção, a oferta de produtos saudáveis e de elevado valor nutricional, isentos de qualquer tipo de contaminantes que ponham em risco a saúde do consumidor, do agricultor e do meio ambiente, o respeito à integridade cultural dos agricultores e a preservação da saúde ambiental e humana” (BRASIL, 2007).

Imagem 3: Área de tabaco orgânico da propriedade da jovem 3



Fonte: Autor, 2017.

Notou-se, a partir da experiência do pesquisador enquanto egresso da EFASC, a aplicação de metodologias nas propriedades investigadas advindas da escola para facilitar as condições de trabalho dentro das propriedades. São pequenas mudanças, manejos de cultivo que acabam melhorando as condições de vida dos jovens e famílias. Alguns exemplos a seguir:

- *Cultivo suspenso do morango*, onde quem trabalha fica em pé, não precisando curvar a coluna até o chão para realizar o manejo e posterior colheita, propiciando assim qualidade de vida aos trabalhadores rurais.

Segundo Scopinho (2003), a ampliação do conceito de saúde permitiu a inclusão de aspectos importantes que devem ser considerados na avaliação da qualidade de vida como o trabalho, uma vez que este reflete a possibilidade de acesso aos bens de consumo coletivo e a possibilidade de controle das relações sociais e políticas.

Figura 2: Cultivo suspenso em estufa



Fonte: Autor, 2017.

-A prática de *adubação verde* que protege o solo e diminui o uso de agroquímicos que consequentemente contaminariam o solo.

Espíndola *et al.* (1997) explicam que a técnica da adubação verde consiste em introduzir, em um sistema de produção, a espécie apropriada para depositar sobre o solo ou incorporar sua massa vegetal. Os autores ainda colocam que os benefícios da prática da adubação verde relacionam-se diretamente com o ganho de matéria orgânica no sistema, proporcionando melhoria das propriedades físicas, químicas e biológicas do solo estimulando a atividade microbiana e, consequentemente proporcionando, através da concorrência, redução do potencial de inóculo de agentes patogênicos que vivem no solo, como fungos, bactérias e nematoides.

- O uso de *irrigação para verduras e pastagens*, sanando o problema de falta de água, quando há a escassez de chuvas. As verduras são muito sensíveis, podendo se perder remessas de produção inclusive. Normalmente são usadas irrigação por gotejamento e micro aspersão por serem cultivares sensíveis e no caso das pastagens se dá uma seguridade com a alimentação das vacas de leite, mantendo a alimentação se mantém também a produtividade de leite, usa-se a irrigação por aspersão de alta vazão.

Segundo Silva *et al.* (2013) para o uso da irrigação é necessário que se escolha o sistema que mais se ajuste à cultura que vai ser implantada, ao tipo de solo, à topografia, ao tamanho da área a ser irrigada, à disponibilidade e quantidade da água, ao clima e ao capital disponível para o investimento na irrigação. Todos estes fatores

devem ser considerados para que se possa otimizar a aplicação de água com máxima economia.

- O *armazenamento de água* das chuvas em cisternas: na propriedade do jovem 4 há uma deficiência de água, a propriedade não tem fornecimento de água por rede hídrica, um vizinho que cede água de um poço caseiro de baixa vazão. Justamente na mesma UPA o jovem produz hortaliças e usa irrigação, sendo assim está implantando uma cisterna para armazenar água da chuva e irrigar as hortaliças.

Segundo Pires *et al.* (2008) no mundo, aproximadamente 18% da área cultivada são irrigados, sendo esta responsável por 44% da produção agrícola do mundo. Observa-se que a agricultura irrigada tem grande potencial produtivo, valor econômico e potencial de expansão e que este pode ser importante do ponto de vista de aumento da produção de alimentos.

- O *piqueteamento das pastagens* para melhoramento destas e manejo de vacas leiteiras: é uma técnica onde se transforma uma área grande de pastagem em várias pequenas, com medidas que supram a demanda de vacas, assim, as vacas pastejam o piquete 1 até a pastagem não ter mais matéria disponível, aí vai para o piquete 2 e assim por diante, quando chegarem no último piquete, o primeiro já está recuperado para novo pastejo novamente. Como nos mostra Balsalobre e Santos (2004), no pastejo rotacionado, as áreas são divididas em piquetes que são submetidos a períodos alternados de pastejo e descanso. A grande vantagem deste método de pastejo é proporcionar um maior controle sobre o pasto. Ele permite definir quando e por quanto tempo as plantas estarão sujeitas à desfolha, o pastejo tende a ser mais uniformes e a eficiência de pastejo mais elevada.

- Uso de *compostagem* para adubação orgânica: Constitui a prática de reaproveitamento de itens disponíveis na propriedade para adubação. Podem ser utilizadas folhas, restos de comida, cascas, frutas estragadas que caem do pé, esterco, palha, entre outros.

Para Jiménez (2014) a compostagem é processo natural de transformação da matéria orgânica em compostos mais simples que podem ser utilizados como nutrientes pelas plantas. É realizada pelos próprios microrganismos presentes nos resíduos em condições ideais de temperatura, aeração e umidade.

Imagem 4: Compostagem realizada na propriedade do jovem 5.



Fonte: Autor, 2017

Segundo os jovens, além das técnicas aprendidas na EFASC, esta também teve um papel importante no processo de comercialização dos produtos produzidos nas UPAs, contribuindo para o acesso dos jovens sucessores aos canais de comercialização. As primeiras experiências foram dentro da escola onde os jovens desenvolviam a Feira Pedagógica que leva este nome justamente pelo seu intuito de promover a experiência de proporcionar aos jovens a prática da comercialização dos produtos excedentes produzidos em suas UPAs.

Figura 3: Jovens dialogando com consumidores na Feira Pedagógica



Fonte: Acervo EFASC, 2014.

Tendo em vista que os jovens entrevistados ao inserirem novos cultivos na propriedade, em especial a produção de alimentos, não estavam habituados a negociar a produção, até porque, antes o grupo familiar participava somente de um sistema integrado com as fumageiras que garantiam a compra da matéria-prima produzida para ser beneficiada pela indústria e inclusive buscavam o tabaco dentro da propriedade do produtor com o auxílio de transportadoras.

A partir da necessidade de inserir a produção agrícola em novos canais de comercialização estes jovens acessam hoje mercados institucionais, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e canais curtos de comercialização de venda direta ao consumidor final.

Figura 3: Feira do Agricultor Jovem na Comunidade de Boa Vista – Santa Cruz do Sul, promovida por jovens egressos da EFASC.



Fonte: Acervo EFASC, 2017.

O que impulsionou os jovens entrevistados a obterem suas primeiras fontes de renda foram iniciativas dos egressos como a promoção de feiras de jovens agricultores, caso ilustrado acima.

Os jovens 1, 2, 3 e 5 ganham porcentagem pela produção agrícola comercializada que auxiliam a manter. Os jovens 1 e 2, o casal de namorados, desenvolvem a atividade de bovinocultura leiteira dentro da UPA, são responsáveis por esta atividade e cooperados ganhando 20% do valor bruto que retorna da cooperativa de leite.

Atualmente, o jovem 4 tem a sua renda exclusivamente da produção de hortaliças comercializadas em feira de agricultores, após um ano comercializando na feira conseguiu comprar um veículo para transportar os alimentos com o dinheiro que ganhara nesta atividade.

O jovem 5 que juntamente com a família optou pela diminuição da produção de tabaco e diversificou com tambo de leite, brócolis, morangos produzidos em estufa, possui hoje sua própria renda e auxilia financeiramente ao grupo familiar a partir da comercialização de sua própria produção.

Já a jovem 3 auxilia seus pais em todas as atividades, mas como está voltando de estágio curricular pretende se dedicar às hortaliças novamente comercializando em feira, ambulante nas comunidades e mercados institucionais para obter sua fonte de renda.

5.4 Perspectiva de futuro do jovem: fatores de atração e evasão dos jovens do campo e contribuições da EFASC

Nesse item da análise vamos conhecer a perspectiva dos jovens para o futuro e serão apresentados os prós e os contras para que permaneçam nas propriedades.

Este quarto campo de análise também trata das questões mais sociais e que tem um peso muito forte nas decisões tomadas pelos jovens. Segundo o que os jovens relatam, a família e a EFASC tiveram papéis muito importantes para que decidissem entre suceder ou então sair.

Em unanimidade, os familiares de todos os jovens sempre foram muito apoiadores da permanência destes no campo, em especial nas propriedades as quais são oriundos.

Em muitos casos os familiares passam a vida tentando construir a propriedade de seus sonhos, mas quando as tem prontas não estão mais em condições de gerirem e trabalharem, então as transpassam para os seus filhos. Porém, neste processo, muitos se esquecem de perguntar para os filhos se aquilo em que estão investindo é atrativo para que permaneçam. Assim, temos uma questão muito importante, de inserir os jovens desde cedo nas atividades mantendo uma relação de diálogo aberta, inserindo os jovens nas decisões da família e propriedade.

Como diz Weisheimer “a inserção dos jovens no trabalho agrícola ocorre desde a infância e desempenha um papel fundamental na construção de sua identidade social, já que (...) são parte de um trabalhador coletivo: a família” (WEISHEIMER, 2004, p.102).

Dentre os entrevistados esta foi uma escolha muito pessoal de cada um. Ainda que parcial sucessão, pois diga-se de passagem ainda tem muita “água pra rolar” e

decisões de tentar a vida fora da propriedade ainda são possíveis, pode-se ver durante as visitas que todos estão bem focados no que estão fazendo.

Uns tomam a decisão de permanecer por escolha de vida, por nem pensarem em se adaptar ao meio urbano, outros veem o meio rural como uma alternativa de vida, outros como fonte de renda e assim por diante. Mas um ponto interessante e que mostrou um pouco desta realidade aos participantes foi a Escola Família Agrícola.

A metodologia de ensino, o aprendizado a partir da base, a pedagogia da alternância que não deixa o jovem perder o vínculo com a família e com a propriedade, os planos de estudo, a convivência com demais colegas oriundos do mesmo meio, uma educação voltada para o campo, foi fundamental na tomada de decisão. Mas sabemos que não é somente isso, a EFASC serviu para abrir horizontes, serviu para mostrar o outro lado da moeda, ajudou os jovens a conhecer o meio rural, conhecer as culturas, os cultivos, todos os fatores que compõem a sua realidade. Os participantes afirmam isso, pois quando questionados sobre a importância da EFASC neste processo todos afirmam que foi a mudança que os fizeram ficar, “se não fosse a EFA, nem estaria conversando sobre esta pesquisa” disse jovem entrevistada, no sentido de que, se não fosse a EFA na vida dela, provavelmente já teria saído do campo buscando outros rumos.

A formação socioeducacional/profissional obtida na EFASC deu aos jovens o “empoderamento” dentro das propriedades, isso abriu caminhos e perspectivas de sucessão familiar, aspecto que reflete na vida dos entrevistados.

Hoje todos eles garantem que permanecem na propriedade com qualidade de vida, pois os jovens organizam suas tarefas, fazem seu gerenciamento, escolhem o tempo, como vão fazer com independência, algo que não é possível quando se trabalha em empresas ou indústrias nos centros urbanos, por exemplo.

Para as meninas, ainda é uma questão de luta, de valorização da mulher no meio rural, da própria valorização do meio rural. Uma das jovens em reportagem para o Jornal Folha do Mate, do município de Venâncio Aires retrata, que “muita gente tem o equívoco de pensar que quem vive da agricultura é ignorante. Há muito preconceito contra o agricultor. Ele é sempre rebaixado, visto como minoria”, lamenta. “Algumas pessoas dizem: 'Estudou e agora vai voltar para a agricultura? Não deu certo?'. Mas o jovem fica na propriedade rural não apenas por uma questão de renda, mas de liberdade” (FOLHA DO MATE, 2017).

Na agricultura, o trabalho das mulheres não é reconhecido como produtivo e econômico, mas como uma simples ajuda. A divisão do trabalho define a agricultura

como um espaço masculino, fazendo com que as mulheres sejam vistas principalmente como donas de casa, não importando qual seja sua contribuição na agricultura familiar (DEERE; LEON, 2002).

De forma geral os jovens recebem alguma assistência de órgãos governamentais ou independentes, entre eles EMATER/RS, Centro de Apoio aos Pequenos Agricultores (CAPA), Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil (COOPERFUMOS), SEBRAE, entre outros.

Quando questionados sobre políticas públicas direcionadas aos jovens dizem que podia se ter um acesso facilitado, mais voltado aos jovens, talvez com taxas de juros menores, que incentivassem os jovens aos poucos a se estruturarem. Mas dizem que crédito não é a parte mais problemática, mas sim a infraestrutura dos municípios, estradas em boas condições de rodagem, acesso à comunicação, eletricidade de boa qualidade, entre outros.

Enquanto isso não chega até a porta das propriedades os jovens continuam com persistência, todos com a vontade de ampliar os negócios, mas sempre com os “pés no chão e passadas pequenas”. Assim vão realizando investimentos em problemas que existem nas UPAs ou então em melhorias, são cisternas para falta de água, irrigação para as hortaliças, estufas para cultivo protegido, ampliação de área com aquisição de terra para facilitar a produção, aos poucos assumindo as propriedades e realizando a sucessão. Entendem também que todo este processo de sucessão que estão realizando, acaba influenciando no desenvolvimento rural das comunidades onde estão inseridos.

Os participantes acabam se tornando lideranças em seus meios ganhando respeito e admiração. As pessoas que vivem nas comunidades vão em busca do diálogo com os participantes para aprenderem questões que a formação profissional proporcionou. Os jovens acabam organizando grupos sejam eles de produção, comercialização ou para formação, formando assim uma rede. Além disso, a EFASC procura sempre manter os jovens egressos interligados através de formações continuadas como seminários, palestras, dias de campo, para que o vínculo com os colegas e a escola não se distancie.

O presente trabalho teve foco nos jovens, mas como também são atores deste processo foram ouvidos os familiares dos jovens sobre as como veem seus filhos realizando o processo de sucessão dentro das propriedades. As respostas são todas parecidas: “é muito orgulho”, “é muito bom ter nossa filha por perto”, “me sinto gratificado por meu filho dar sequência nas atividades”. Entendem que ainda é cedo

para os jovens definirem suas vidas e dizem que este processo é gradativo, que fazem de tudo para apoiar e ajudar os jovens na sucessão ajudando nas produções e ainda financeiramente quando se precisa. Também dão os “puxões de orelha” dizendo para os jovens irem mais devagar ou quando alguma coisa está errada, mas sabem que tudo é aprendido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de conclusão de curso buscou conhecer o processo de sucessão familiar rural evidenciando cinco jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, distribuídos em quatro municípios da região do Vale do Rio Pardo: Venâncio Aires, Santa Cruz do Sul, Vale do Sol e General Câmara. A região é conhecida pela produção de tabaco, fator limitante pelo qual, muitos jovens já saíram do meio rural para buscarem estudos e empregos nas cidades.

A pesquisa de campo realizada com os jovens e seus familiares foi muito interessante, pois como descrito na metodologia, enquanto pesquisador estava em uma condição de igualdade com o pesquisado pelo fato de também ser um jovem que pratica a sucessão familiar na propriedade. Pode-se enxergar em todos jovens grandes semelhanças, desde as dificuldades enfrentadas durante o processo até a satisfação de estarem inseridos no meio rural praticando a sucessão.

Os resultados obtidos são de grande valia, pois apresentam opções muito interessantes para os jovens que estão pensando em permanecer no meio rural. Sabemos que para os jovens terem interesse na agricultura eles precisam ser atraídos. As práticas realizadas pela família e as experiências compartilhadas de inseri-los neste processo desde cedo são de suma importância.

Nesse estudo de caso com os egressos da EFASC podemos ver que a Escola Família Agrícola foi o divisor de águas na vida dos participantes. Pois até então, quando estudavam nas escolas do interior aprendiam conteúdos curriculares como os de qualquer outra escola do meio urbano, sendo que não tinha nenhuma matéria específica que tratasse da agricultura. Quando ingressaram na EFASC essa perspectiva mudou, o ensino agora era totalmente voltado à atividade aplicando conceitos das matérias básicas dentro da agricultura, além de toda a metodologia de ensino que a escola pratica como a Pedagogia da Alternância, o plano de estudos e o Projeto Profissional do Jovem que faz com que o jovem tenha interesse em aprender e aplicar os conhecimentos aos seu contexto de vida e trabalho.

Por meio da EFASC os jovens conheceram a agricultura, conheceram suas propriedades, os cultivos, a comunidade, o meio onde estão inseridos. Passaram por um processo de empoderamento que, juntamente com o apoio das suas famílias começaram a ter efetiva participação nas tomadas de decisão dentro de suas propriedades.

Com isso passaram a diversificar as propriedades, a maioria com a monocultura do tabaco implantando principalmente a produção de alimentos, num primeiro momento para a subsistência das famílias e vendas de excedentes, mais tarde projetando os cultivos para sua comercialização. Percebiam aqui a importância da juventude do meio rural diminuindo a cultura historicamente conhecida na região e partindo para a produção de alimentos que alimenta a demanda crescente da população.

Aliado a isso os jovens trouxeram os conhecimentos adquiridos na EFASC para a produção, pois são técnicas que auxiliam e garantem produtos de qualidade como manejo de solo com adubação verde, manejo de pastagens para criações, cultivos protegidos, irrigação, armazenamento de água, compostagem, produção orgânica entre diversos outros.

Para a obtenção de renda sobre os alimentos produzidos os jovens se inseriram em canais curtos de comercialização como feiras, mercados institucionais como PAA e PNAE além da venda ambulante. Isso foi muito importante, pois se inserem no mercado e obtém a sua renda própria, se cria uma independência dos familiares e autonomia que os jovens procuram na atualidade.

Mas os jovens também passaram por algumas dificuldades. No início sofreram algumas resistências por parte dos familiares que com o tempo foram administradas. Um fator que quase impossibilitou dois jovens entrevistados de continuarem com seus projetos dentro da propriedade foi a falta de terra para plantar e cultivar. A propriedade do jovem era pequena e os pais não tinham mais área para disponibilizar e as áreas na proximidade eram de alto valor, então tiveram que sair desta. Por sorte tiveram disponibilidade de se instalar na propriedade da jovem namorada e lá desenvolver as atividades. Isso ocorre com frequência, os jovens saem por não ter espaço para implantar seus projetos ou até pelo fato dos familiares não cederem espaço de terra para as produções. Salienta-se aqui a necessidade de políticas públicas específicas ao jovem rural e a necessidade de fomento de linhas de crédito que levem em conta esse perfil de agricultores e produtores.

Além deste entrave, outra questão levantada e discutida na pesquisa foi a distância até cidades comumente aliada às estradas em más condições e difíceis acessos. Os jovens que residem nas extremidades dos municípios são prejudicados pela distância. Isso pode inclusive inviabilizar alguns projetos devido aos custos de locomoção e manutenção de veículos. Além disso, ainda há muitas comunidades do interior com infraestruturas precárias para se tornarem atrativas aos jovens.

Porém todos os jovens estão felizes com suas escolhas, dizem que é uma alternativa de vida e garantem que é possível ser de grande qualidade. Tem-se liberdade, o gerenciamento tanto da propriedade como também dos horários, dos dias de folga é o jovem que faz. Ainda que para a juventude rural seja uma questão de luta e resistência permanecer, pois ainda há muito preconceito com o agricultor e este não recebe seu devido reconhecimento nem da sociedade nem dos governos.

Assim, estes cinco casos de sucessão familiar rural servem de exemplo para demais jovens das comunidades e também estudantes da Escola Família Agrícola, pois se tornam lideranças e vão transformando o meio onde vivem em um lugar melhor para todos. Esta geração de jovens que permanecem no meio rural serão os agentes do desenvolvimento rural nas suas propriedades, comunidades e região. Precisamos de jovens qualificados com formação técnica, mas também social, profissional, como a EFASC presta para a juventude do Vale do Rio Pardo.

Por fim acredito que ainda podemos explorar muitas outras experiências com jovens que egressos e que estão em processo de formação e sucessão. Talvez os que saíram de suas propriedades e foram trabalhar com a agricultura fora dela também possam nos trazer aspectos interessantes de serem debatidos e trabalhados.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. **Reforma agrária – Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária**. vol. 28 n°s 1, 2, 3 e 29, n° 1, Jan/dez 1998 e jan/ago 1999.

BALSALOBRE, Marco A. A.; SANTOS, Patricia Menezes. **Sistema de pastejo rotacionado**. Milkpoint 2004. Disponível em: <<https://www.milkpoint.com.br/radar-tecnico/pastagens/sistemas-de-pastejo-rotacionado-1-divisao-da-area-18548n.aspx>>. Acesso em: 29 out. 2017.

BRANDÃO, C R. e BORGES, M. C. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 19 jun. 2016.

BRASIL. **Decreto Nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007. Dispõe sobre a agricultura orgânicas e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 28 dez.2007. Seção 1.p.2.

BRASIL, Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário. **A força da agricultura familiar**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/forca-da-agricultura-familiar>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

BRASIL; (INCA), Instituto Nacional do Câncer. **Observatório da Política Nacional de Controle do Tabaco**. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/home/covencao_quadro/o_que_e+>>. Acesso em: 24 out. 2017.

BRASIL, MDA/SEAD. **Plano Safra disponibiliza R\$ 30 bilhões em crédito para a agricultura familiar**. 2017. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/plano-safra-disponibiliza-r-30-bilhoes-em-credito-para-agricultura-familiar>>. Acesso em: 28 set. 2017.

CARGNIN, M.C.S; TEIXEIRA, C.C; MANTONAVI, V.M; LUCENA, A.F; ECHER, I.C. **CULTURA DO TABACO VERSUS SAÚDE DOS FUMICULTORES. Texto & Contexto - Enfermagem**, UFRGS, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2016.

COSTA, J. P. R. **A construção da Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo – AAVRP: Possibilidades de resistência dos /as Agricultores/as Familiares na “região do tabaco”, pelas Práticas e Vivências da Agroecologia**. 2016. 81 f. Tese (Doutorado) - Curso de PPGDR, UNISC, Santa Cruz do Sul, 2016.

DEERE, C.; LÉON, M. **O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos a propriedade na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

ESPÍNDOLA, J. A. A.; GUERRA, J. G.; ALMEIDA, D. L. de. **Adubação verde: estratégia para uma agricultura sustentável**. Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 1997. 20 p.

FERNANDES, F. M. B. **Considerações Metodológicas sobre a Técnica da Observação Participante**. In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. Caminhos para análise das políticas de saúde, 1.ed.– Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015. p.487-503.

FETAG, Federação Dos Trabalhadores Na Agricultura No Rio Grande Do Sul -. **A juventude rural e os desafios sucessórios nas unidades familiares de produção**. Disponível em: <<http://www.fetagr.org.br/index.php?>

FINO, C. N. **FAQs, etnografia e observação participante**. In SEE – Revista Europeia de Etnografia da Educação, 3. p 95-105. Universidade da Madeira: Departamento de Ciências da Educação, 2003.

FOLHA DO MATE. “**É uma escolha de luta pela vida”, diz jovem agricultora**. Venâncio Aires, 25 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.folhadomate.com/noticias/rural/e-uma-escolha-de-luta-pela-vida-diz-jovem-agricultora#>>. Acesso em: 18 out. 2017.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Líber Livro, 2007.

GARCÍA-MARIRRODRIGA, R., PUIG-CALVÓ, P. **Formação em Alternância e desenvolvimento educativo dos CEFFAS no mundo**. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Censo Demográfico**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>, acesso em: 05/06/2017.

IBGE. Sinopse do censo demográfico 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=9&uf=00>>. Acesso em: 23 out. 2017.

IPEA. **Agricultura - Agricultura em família**. Revista Desafios do Desenvolvimento, 2011. Ano 8 . Edição 66. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2512:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 6 jun. 17.

JIMÉNEZ, Miguel Lancho. **Como fazer compostagem doméstica**. 2014. Mundo Horta. Disponível em: <<http://blog.mundohorta.com.br/compostagem-domestica/>>. Acesso em: 30 out. 2017.

MARTINE, G. e GARCIA, R. C. (orgs.) **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987.

MATTE, A; MACHADO, J. A. D; NESKE, M.Z. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil. **Mundo Agrário**. Buenos Aires, v. 16. p 1-28. 2015.

MATTE, A.; MACHADO, J. A. D. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil. **Revista de Estudos Sociais**, v. 18, n. 37, p.130, 2016.

MORETTI, C. Z. e ADAMS, T. Pesquisa Participativa e Educação Popular: epistemologias do sul. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 447-463, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/16999>. Acesso em: 20 jun. 2016.

PMVA, Prefeitura Municipal de Venâncio Aires. **Aspectos Econômicos**. Disponível em: <<https://www.pmva.com.br/portal>>. Acesso em: 26 out. 2017.

PIRES, Regina Célia de M. et al. Agricultura Irrigada. **Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária**, São Paulo, p.98-111, jun. 2008.

POZZEBON, A. A inserção socioprofissional dos jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul no Vale do Rio Pardo, RS: Uma contribuição para o Desenvolvimento Rural. 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado) - **Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural**, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

REVISTA AMANHÃ. **QUEM SÃO OS MAIORES PRODUTORES DE TABACO NO BRASIL**. Porto Alegre: Grupo Amanhã, 2016. Disponível em: <<http://www.amanha.com.br/posts/view/1741>>. Acesso em: 28 set. 2017.

RUAS, Elma Dias et al. **Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável - MEXPAR**. Belo Horizonte, março 2006, 134p.

SACCO ANJOS, F; CALDAS, N. V. O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 26, nº 1, p. 664-694, jun. 2005.

SANTA CRUZ DO SUL, Município de. **Dados Municipais**. Disponível em: <<http://www.santacruz.rs.gov.br/home>>. Acesso em: 19 out. 2017.

SCHNEIDER. I. Êxodo, envelhecimento populacional e estratégias de sucessão na exploração agrícola. In: **Indicadores Econômicos FEE**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística – FEE, n. 21, jan. p. 259-268, 1994.

SCOPINHO R. A. **Vigiando a vigilância: saúde e segurança no trabalho em tempos de qualidade total**, 1ª Edição, São Paulo: Annablume - Fapesp, 2003, 284 p.

SERVA, M.; JAIME JÚNIOR, P. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO: UMA POSTURA ANTROPOLÓGICA. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 1, p.64-79, mai/jun 1995.

SPERB, P. Agrotóxicos, depressão e dívidas criam ‘bomba-relógio’ de suicídios no RS. **BBC Brasil**. Porto Alegre, out. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37491144>>. Acesso em: 23 out. 2017.

SILVA, A. C. F. da; PERUCH, L. C. M.; LUCIETTI, D.; TEIXEIRA, E. B.; MARCHESI, D. R. **Produção orgânica de hortaliças no litoral sul catarinense**. EPAGRI, Boletim didático, 88. Florianópolis, SC: Epagri, 2013.

SIQUEIRA, L. H. S de. **As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar**. 125pag. PPGDR – UFRGS. Porto Alegre, 2004.

TURISVALES, Salão do Turismo dos Vales. **Vale do Rio Pardo. 2015**. Disponível em: <<http://www.turisvales.com.br/informacoes/vale-do-rio-pardo>>. Acesso em: 04 maio 2017.

VARGAS, M. A.; OLIVEIRA, B. F. Estratégias de diversificação em áreas de cultivo de tabaco no Vale do Rio Pardo: uma análise comparativa. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 50, n. 1, p.175-192, mar. 2012.

ZAGO, N. **Migração rural-urbana, juventude e ensino superior**. 36ª Reunião Nacional da ANPEd, 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

WEISHEIMER, N. **Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: um estudo de caso no bairro de Escadinhas, Feliz/RS**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia Rural/UFRGS, 2004.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

| | |
|--|--------|
| Eixo I: Perfil do entrevistado e do grupo familiar | |
| Nome: | |
| Sexo: | Idade: |
| Continua estudando? () Sim () Não Qual curso? | |
| Possui formação técnica? Em qual área? | |
| Composição Familiar: (moradores da UPA, idades e atividades que desenvolvem) | |
| Você participa de algum movimento social, sindicato ou organização comunitária ou ainda de grupos de produção? Se sim, qual(is)? | |
| Eixo II: Caracterização da UPA, aspectos produtivos e influência da EFASC nas práticas agrícolas desenvolvidas | |
| Descreva as principais mudanças da UPA antes e depois de você estudar na EFASC nos distintos segmentos: <ul style="list-style-type: none"> • Aspectos estruturais da UPA; • Diversificação dos cultivos e práticas agrícolas; • Maquinário adquirido; • Composição da renda familiar; • Autonomia e participação do jovem nas tomadas de decisão. | |
| Você ainda mantém a atividade agrícola aplicada para a realização do Projeto Profissional do Jovem (PPJ) no período em que foi estudante da EFASC? | |
| Quantos hectares a UPA possui? | |
| Quais atividades agrícolas e não agrícolas são desenvolvidas na UPA atualmente? | |
| São aplicados os princípios agroecológicos na UPA? | |
| Eixo III – Condições de Trabalho, Vida, Comercialização e Renda | |
| Você: <ul style="list-style-type: none"> () Trabalha junto com os pais na UPA e mora na mesma casa; () Trabalha junto com os pais e tem casa própria na mesma propriedade; () Trabalha junto com os pais, também possui outra área rural destinada a produção e tem casa própria; () Mora junto com os pais, mas trabalha em outra propriedade rural; | |

| |
|--|
| <p>() Mora junto com os pais, auxilia nas atividades agrícolas da UPA e ainda trabalha na cidade;</p> <p>() A família concedeu parte do terreno para construir sua casa e trabalhar independentemente.</p> <p>Outra:</p> |
| Quais produtos o grupo familiar comercializa? |
| Quais canais de comercialização acessam? |
| Você recebe ou recebeu apoio familiar para a permanência no campo e implementação dos seus projetos na UPA? |
| Qual a sua participação na composição da renda familiar? (Horas de trabalho, atividades e projetos desenvolvidos, valor médio da renda) |
| Qual a maneira adotada para a realização da divisão da renda obtida pela família? |
| Você tem acesso a internet e momentos de lazer? |
| Eixo IV – Perspectiva de futuro do jovem, fatores de atração e evasão dos jovens do campo e contribuições da EFASC |
| Por que você escolheu permanecer na área rural? |
| Sua família o incentivou a permanecer no campo? |
| Órgãos governamentais ou privados, lhe auxiliaram com assistência técnica? |
| Já acessou alguma política pública? Alguma específica para o jovem? |
| Acha que faltam políticas para a juventude rural? |
| Existe alguma mudança que você gostaria de promover na UPA e ainda não foi possível? Por quê? |
| Pensando na sua perspectiva de futuro: você pretende permanecer na UPA, diversificar a produção, conciliar outra atividade, comprar outra área rural para produzir de maneira individualizada? |
| Como a família vê o jovem realizando o processo de sucessão familiar rural? |
| Qual a contribuição da EFASC para a sua permanência no campo e no processo sucessório na UPA? |
| Em sua opinião, a presença do jovem na UPA contribui para o desenvolvimento rural? Em quais aspectos? |

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E
ESCLARECIDO**

**Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

NOME:

RG/CPF:

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “Sucessão Rural Familiar: Um Estudo de Caso com jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, RS”, para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso “Sucessão Rural Familiar: Um Estudo de Caso com jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz Do Sul.” – do Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo ”Realizar um estudo de caso com jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS para identificar os possíveis casos de Sucessão Rural Familiar e diagnosticar qual o papel da EFASC perante a permanência dos jovens no meio rural.”.

A minha participação consiste na recepção do aluno GUSTAVO ELIAS HEIN para a realização de visita e entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um *Trabalho de Conclusão de Curso* escrito pelo aluno. Para isso, () **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação (e a da propriedade/agroindústria/cooperativa/outra para a publicação no TCC.)

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura _____

Venâncio Aires, ____/____/2017.